

Mercado atraente

LUÍS OSVALDO GROSSMANN

DA EQUIPE DO CORREIO

Com renda alta e os maiores custos de consultas, exames e internações do país, o Distrito Federal é um atraente mercado para a saúde particular. Atualmente, pelo menos R\$ 64 milhões são investidos apenas nas obras de três novos hospitais, sem contar uma quarta construção que está nos planos de uma grande operadora de planos de saúde.

Não é à toa. Levantamento da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) mostra que os brasilienses pagam uma das maiores mensalidades desses contratos. Além disso, uma pesquisa realizada este ano pela consultoria Strategy, especializada na análise dos balanços de operadoras de planos de saúde, afirma que o custo da internação em Brasília é entre 35% e 45% maior do que a média nacional de R\$ 2,3 mil.

Como forma de superar essa dificuldade, operadoras de planos de saúde têm preferido, a exemplo do que acontece em outros estados, investir elas mesmas na construção ou incorporação de hospitais (leia matéria nesta página). Além da Medial, que inaugura seu primeiro hospital no DF no início de novembro, a Amil, maior empresa do setor de medicina de grupo no Brasil, estuda propostas para erguer seu próprio hospital na Asa Norte.

“Já temos algumas propostas de bancos interessados em financiar o projeto”, revela o superintendente da Amil Brasília, Moacir Zanatta. “Nos procedimentos de baixa complexidade, Brasília tem o maior custo do Brasil”, completa.

O mais adiantado dos novos hospitais é o Alvorada, em Ta-

guatinga, arrendado da Unimed pela Medial Saúde e totalmente reformado com investimentos de R\$ 12 milhões — a inauguração está prevista para o dia 6 de novembro. Será o primeiro hospital próprio da operadora fora de São Paulo. “Brasília tem alto poder aquisitivo e alta densidade demográfica, é uma praça grande que vai concentrar nossos investimentos nos próximos anos, ao lado de São Paulo e Rio de Janeiro”, diz o presidente da Medial, Luiz Kaufmann.

INTERNAÇÃO
pode custar até

45%

mais caro
em Brasília

Capitalizada graças à oferta de ações em bolsa de valores, realizada este ano, a Medial tem dinheiro em caixa para investir na ampliação da rede. Segundo Kaufmann, a capital, ao lado das metrópoles paulista e carioca, será o destino de R\$ 200 milhões em investimentos previstos pela empresa para o próximo ano.

Câncer infantil

A mais difícil das obras em andamento na capital é a do Instituto do Câncer Infantil e Hospital Pediátrico de Brasília, tocada pela Associação Brasileira de Assistência às Famílias de Crianças Portadoras de Câncer e Hemopatias (Abrace). A área, de 16,5 mil m², foi cedida pelo GDF, mas ainda falta dinheiro para completar a construção, orçada em R\$ 30 milhões.

“O hospital está 70% concluído,

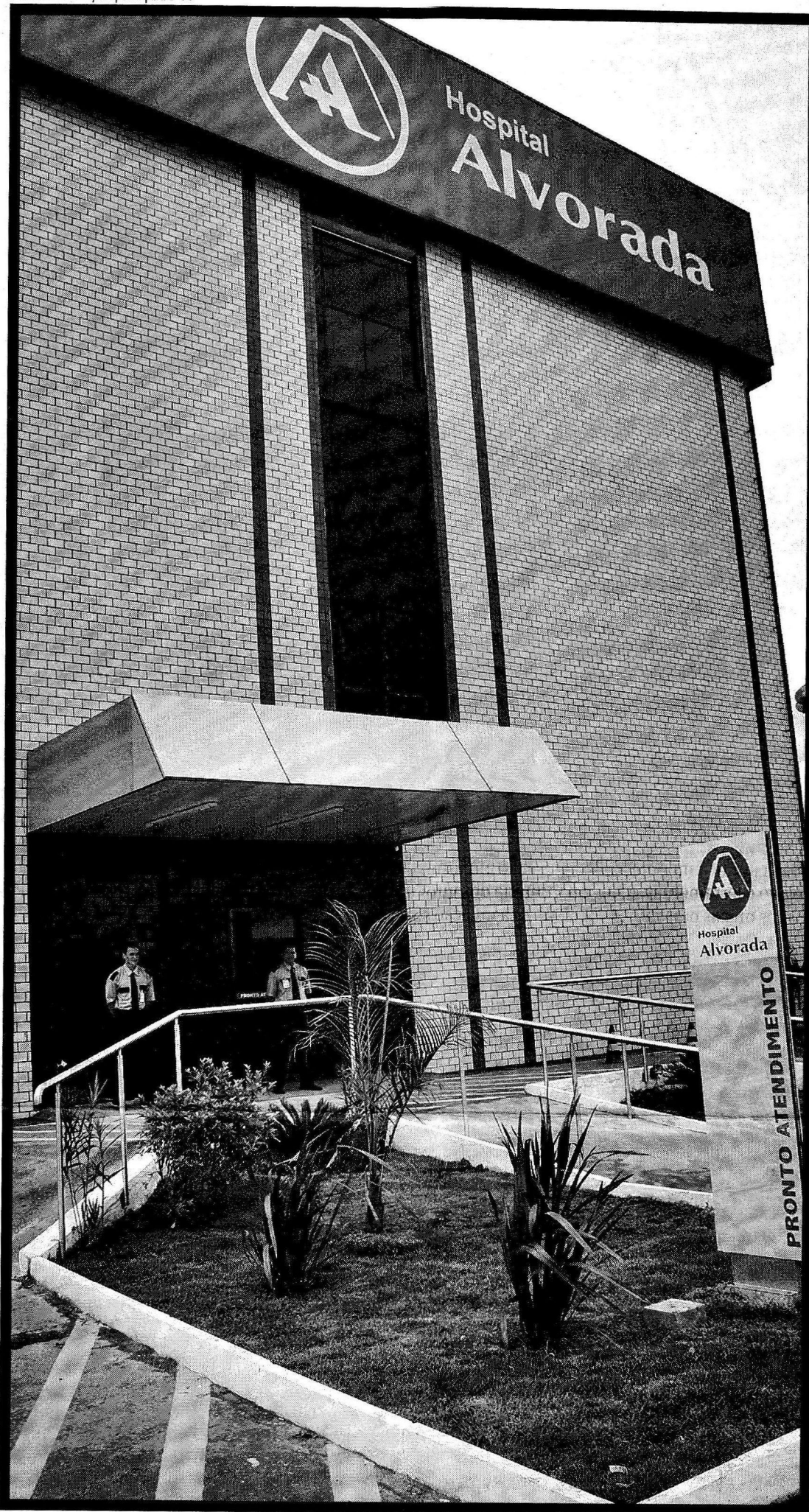
mas ainda precisamos de R\$ 2,4 milhões para concluir o que falta. O valor estava prometido pelo Ministério da Saúde, que recuou”, explica a presidente da Abrace, Ilda Peliz. Pronto, o hospital do câncer infantil terá 151 leitos, sendo 31 de UTI, e será capaz de realizar 314 mil consultas, 7,6 mil internações e 5,8 mil cirurgias por ano.

“Hoje as crianças com câncer dividem espaço com os adultos nos hospitais públicos e é possível esperar 40 dias apenas para fazer os exames”, diz Peliz. O plano inicial era inaugurar o hospital em dezembro, mas surgiu o problema de, no mesmo local, existir um cemitério de animais, o que já jogara as perspectivas para abril do ano que vem. “Como agora ainda dependemos de recursos, fica difícil marcar uma data”, completa a presidente da Abrace, que registra cerca de 230 novos casos da doença por ano.

Antes dele ficará pronto o Hospital do Coração, empreendimento de R\$ 22 milhões do grupo Santa Luzia, erguido ao lado do complexo hospitalar no final da Asa Sul — são R\$ 15 milhões em obras e R\$ 7 milhões em equipamentos. O Hospital do Coração terá 30 leitos para internação e 11 leitos para observação e, além de desafogar a demanda atual do Hospital Santa Luzia — onde um em cada quatro atendimentos está relacionado com doenças cardiovasculares —, vai concorrer com o já instalado Instituto do Coração, que fica no Hospital das Forças Armadas.

“A economia de escala de um hospital especializado compensa, especialmente na negociação com os fornecedores. Ao invés de, por exemplo, comprar um cateter, compraremos 30”, explica o diretor de expansões e obras da holding SLP, Edivaldo Martins Leal Junior.

Wenderson Araújo/Especial para o CB



O ALVORADA, ARRENDADO DA UNIMED EM TAGUATINGA, SERÁ O PRIMEIRO HOSPITAL DA MEDIAL FORA DE SÃO PAULO